

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E BIOLÓGICAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E EDUCAÇÃO

Giovana Aparecida Correia de Toledo

Uma educadora transformadora
Rosângela da Silva Alves (1963-2017): percursos para uma educação antirracista na
cidade de Sorocaba

Sorocaba – SP

2023

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E BIOLÓGICAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E EDUCAÇÃO

Uma educadora transformadora
Rosangela da Silva Alves (1963-2017): percursos para uma educação antirracista na
cidade de Sorocaba

Giovana Aparecida Correia de Toledo

Monografia apresentada ao Curso de
Graduação em Pedagogia para obtenção
do título de licenciatura em Pedagogia.

Orientação: Profa. Dra. Maria Walburga
dos Santos e Profa. Dra. Andréia Regina
de Oliveira Camargo

Sorocaba – SP

2023

Correia de Toledo, Giovana Aparecida

"UMA EDUCADORA TRANSFORMADORA : Rosangela da Silva Alves (1963-2017): percursos para uma educação antirracista na cidade de Sorocaba" / Giovana Aparecida Correia de Toledo -- 2023.
46f.

TCC (Graduação) - Universidade Federal de São Carlos, campus Sorocaba, Sorocaba

Orientador (a): Maria Walburga dos Santos e Andréia Regina de Oliveira Camargo

Banca Examinadora: Roseli Gonçalves Ribeiro Martins Garcia , Vanessa Ferreira Garcia

Bibliografia

1. Educação antirracista. 2. História de vida. 3. Transformação social. I. Correia de Toledo, Giovana Aparecida. II. Título.

Ficha catalográfica desenvolvida pela Secretaria Geral de Informática (SIn)

DADOS FORNECIDOS PELO AUTOR

Bibliotecário responsável: Maria Aparecida de Lourdes Mariano -
CRB/8 6979



FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
 COORDENAÇÃO DO CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA - CCPedL-So/CCHB
 Rod. João Leme dos Santos km 110 - SP-264, s/n - Bairro Itinga, Sorocaba/SP, CEP 18052-780
 Telefone: (15) 32295978 - http://www.ufscar.br

DP-TCC-FA nº 12/2023/CCPedL-So/CCHB

Graduação: Defesa Pública de Trabalho de Conclusão de Curso
 Folha Aprovação (GDP-TCC-FA)

FOLHA DE APROVAÇÃO

GIOVANA APARECIDA CORREIA DE TOLEDO

"UMA EDUCADORA TRANSFORMADORA ROSANGELA DA SILVA ALVES (1963 - 2017): PERCURSOS PARA UMA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA NA CIDADE DE SOROCABA/SP"

Trabalho de Conclusão de Curso

Universidade Federal de São Carlos – campus Sorocaba

Sorocaba, 03 de abril de 2023

ASSINATURAS E CIÊNCIAS

Cargo/Função	Nome Completo
Orientadora	Prof. ^a Maria Walburga dos Santos, Dr. ^a
Coorientadora	Prof. ^a Andreia Regina de Oliveira Camargo, Dr. ^a
Membro da Banca 1	Prof. ^a Roseli Gonçalves Ribeiro Martins Garcia, Dr. ^a
Membro da Banca 2	Prof. ^a Vanessa Ferreira Garcia, M. ^a



Documento assinado eletronicamente por **Maria Walburga dos Santos, Professor(a) Efetivo(a)**, em 03/04/2023, às 10:06, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site <https://sei.ufscar.br/autenticacao>, informando o código verificador **0986343** e o código CRC **999496BB**.

Referência: Caso responda a este documento, indicar expressamente o Processo nº 23112.008625/2023-52

SEI nº 0986343

Modelo de Documento: Grad: Defesa TCC: Folha Aprovação, versão de 02/Agosto/2019

DocuSigned by:
 Andreia R. O. Camargo

Prof.^a Andreia Regina de Oliveira Camargo, Dr.^a

DocuSigned by:
 Prof.^a Vanessa Ferreira Garcia, M.^a

Prof.^a Vanessa Ferreira Garcia, M.^a

DocuSigned by:
 Prof.^a Roseli Gonçalves Ribeiro Martins Garcia, Dr.^a

Prof.^a Roseli Gonçalves Ribeiro Martins Garcia, Dr.^a

https://sei.ufscar.br/sei/controlador.php?acao=documento_imprimir_web&acao_origem=arvore_visualizar&id_documento=1104716&infra_sistema... 1/1

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a Deus, à minha família e à minha ancestralidade. Em especial, dedico ao meu pai Luiz e à minha mãe Angelica, que sempre acreditaram em mim, mesmo nas ocasiões em que pensei em desistir.

Dedico também aos meus professores, que estiveram sempre ao meu lado, me apoiando e me incentivando durante todo esse tempo.

Enfim, agradeço imensamente a todos!

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a Deus por ter me abençoado e permitido a conclusão desta etapa da minha vida.

Agradeço às minhas orientadoras Walburga e Andréia, que nunca me negaram ajuda e foram fundamentais para a realização deste trabalho.

Não poderia deixar de agradecer às minhas inesquecíveis amigas e amigos que compartilharam comigo todos os momentos desta jornada. Levarei cada um de vocês em minha memória e em meu coração para sempre.

EPÍGRAFE

Oh, yeah

Woo!

Everything, everything

Everything's gonna be alright this morning

Oh, yeah

Everything's gonna be alright

Eu sou o primeiro ritmo a formar pretos ricos

O primeiro ritmo que tornou pretos livres

Anel no dedo em cada um dos cinco

Vento na minha cara, eu me sinto vivo

A partir de agora considero tudo blues

*O samba é blues, o rock é blues, o jazz é blues
O funk é blues, o soul é blues, eu sou Exu do Blues
Tudo que quando era preto era do demônio
E depois virou branco e foi aceito, eu vou chamar de blues
É isso, entenda
Jesus é blues
Falei mermo*

*Eu amo o céu com a cor mais quente
Eu tenho a cor do meu povo, a cor da minha gente
Jovem Basquiat, meu mundo é diferente
Eu sou um dos poucos que não esconde o que sente
Choro sempre que eu lembro da gente
Lágrimas são só gotas, o corpo é enchente
Exagerado, eu tenho pressa do urgente
Eu não aceito sua prisão, minha loucura me entende
Baby, nem todo poeta é sensível
Eu sou o maior inimigo do impossível
Minha paixão é cativo, eu me cativo
O mundo é lento ou eu que sou hiperativo, oh?*

*Me escuta quem cê acha que é ladrão e puta
Vai me dizer que isso não, não te lembra Cristo?
Me escuta quem cê acha que é ladrão e prostituta
Vai me dizer que isso não te lembra Cristo?
Vai me dizer que isso não te lembra Cristo?*

*Eles querem um preto com arma pra cima
Num clipe na favela gritando: Cocaína
Querem que nossa pele seja a pele do crime
Que Pantera Negra só seja um filme
Eu sou a porra do Mississipi em chama
Eles têm medo pra caralho de um próximo Obama
Racista filha da puta, aqui ninguém te ama
Jerusalém que se foda, eu tô à procura de Wakanda, ah*

(Everything's gonna be alright this morning)

*E aê, Diogo!? Poxa, cara
Tava aqui vendo aqui os vídeos que sua mãe me mostrou
Achei massa, viu?
Você com, com Camila Pitanga
Você é muito mais bonito do que ela, viu? É, véi*

(Bluesman - Baco Exu do Blues)

TOLEDO, Giovana Aparecida Correia de Toledo. Uma educadora transformadora. Rosangela da Silva Alves: uma educação antirracista na cidade de Sorocaba. TCC (Graduação). Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia, Universidade Federal de São Carlos *campus* Sorocaba, Sorocaba 2023.

RESUMO

Tendo em vista que o racismo ainda está presente em todos os âmbitos da nossa sociedade, este trabalho busca trazer reflexões sobre como o legado de Rosangela da Silva Alves traz grandes ensinamentos para o desenvolvimento de uma educação antirracista. Para realizar esta pesquisa, busquei informações em fontes bibliográficas e documentais sobre a trajetória de Rosangela, com foco no "Projeto Cultural Quilombinho", fundado por ela, e em minhas próprias memórias sobre como ela transformou minha vida e influenciou meu processo de entendimento como mulher negra. Ao longo da pesquisa, constatei que Rosangela sempre trabalhou com processos de transformação e reflexão da negritude e ancestralidade das pessoas, através de processos educacionais pelos quais as pessoas negras puderam conhecer sua história por outra perspectiva, que não a do colonizador. Podemos aprender muito com sua história para desenvolvermos nossas próprias práticas como educadoras.

Palavras chaves: Educação antirracista; História de vida; Transformação social; Projeto cultural Quilombinho.

TOLEDO, Giovana Aparecida Correia de Toledo. Uma educadora transformadora. Rosangela da Silva Alves: uma educação antirracista na cidade de Sorocaba. TCC (Graduação). Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia, Universidade Federal de São Carlos *campus* Sorocaba, Sorocaba 2023.

ABSTRACT

Bearing in mind that racism is still present in all areas of our society, this work seeks to bring reflections on how Rosangela da Silva Alves' legacy brings great lessons for the development of an anti-racist education. To carry out this research, I sought information in bibliographic and documentary sources about Rosangela's trajectory, focusing on the "Quilombinho Cultural Project", founded by her, and in my own memories about how she transformed my life and influenced my process of understanding as a woman. black. Throughout the research, I found that Rosangela has always worked with processes of transformation and reflection on people's blackness and ancestry, through educational processes through which black people were able to know their history from another perspective, other than that of the colonizer. We can learn a lot from her story to develop our own practices as educators.

Keywords: Anti-racist education; Life's history; Social transformation; Quilombinho cultural project.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ACM: Associação Cristã de Moços

FDA: Fundação Douglas Ariane

Fefiso: Faculdade de Educação Física de Sorocaba

ICAB: Instituto de Cultura Afro-brasileira

LDB: Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

MOMUNES: Movimento de Mulheres Negras de Sorocaba

NUCAB: Núcleo de Cultura Afro-brasileira

ONG: Organização Não-Governamental

RIO+20: Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável

TED: Tecnologia, Entretenimento e Design

UFSCar: Universidade Federal de São Carlos

UNISO: Universidade de Sorocaba

LISTA DE IMAGENS

FIGURA 1: REPRESENTATIVIDADE POSSIBILITOU ME DESCOBRIR NEGRA E TER ORGULHO.....	19
FIGURA 2: O SONHO DE ROSANGELA SE TORNA REALIDADE.....	26
FIGURA 3: CINECLUBE QUILOMBINHO.....	28
FIGURA 4: NA RODA DA CAPOEIRA, CORPO E ALMA SE MISTURAM EM UM CANTO DE LIBERDADE.	29

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	13
2. COMO ME DESCOBRI NEGRA E ADMIRAÇÃO PELO TRABALHO DA MILITANTE E EDUCADORA ROSANGELA DA SILVA ALVES	188
3. A HISTÓRIA DA VIDA DA PROFESSORA ROSANGELA DA SILVA ALVES, COM FOCO EM SUA ATUAÇÃO NA EDUCAÇÃO	222
3.1 O PROJETO QUILOMBINHO.....	266
3.2 A EDUCAÇÃO DE ALUNOS NEGROS E O RACISMO NAS ESCOLAS: EXPERIÊNCIA DE VIDA.....	30
4. A EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA: LEGISLAÇÕES E REFERÊNCIAS TEÓRICAS	366
5. O LEGADO DA PROFESSORA ROSANGELA PARA A EFETIVAÇÃO DE UMA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA	411
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	433
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	455

1. INTRODUÇÃO

"As histórias importam. Muitas histórias importam. As histórias foram usadas para espoliar e caluniar, mas também podem ser usadas para empoderar e humanizar. Elas podem despedaçar a dignidade de um povo, mas também podem reparar essa dignidade despedaçada."

Chimamanda Ngozi Adichie

Chimamanda Ngozi Adichie é uma escritora e ativista nigeriana que, em uma palestra TED intitulada "**O perigo de uma história única**"¹, discute como as histórias que ouvimos e contamos sobre pessoas e lugares podem influenciar profundamente a nossa percepção e compreensão do mundo.

Adichie argumenta que muitas vezes, especialmente no mundo ocidental, somos expostos a uma única narrativa sobre lugares e pessoas que são diferentes de nós. Essa narrativa muitas vezes é estereotipada e incompleta, e pode levar a uma visão limitada e distorcida da realidade.

Esta pesquisa, tem como base exatamente este posicionamento e vem com o objetivo de enarrar o legado de uma mulher negra, Rosângela Alves da Silva, e demonstrar como ela foi uma grande agente de transformação da luta antirracista na cidade de Sorocaba. E como a sua história transformou a minha. De como a sua história transformou o meu olhar e me fez refletir, criar atitudes e tentar conhecer qual era o meu papel no mundo. De como a história da Rosângela contribuiu para a formação da minha enquanto cidadã e mulher negra.

Nesta pesquisa opto por utilizar a primeira pessoa por considerar que a narrativa pessoal é uma forma de quebrar a padronização das histórias e ampliar a diversidade de vozes. Ao contar a história de Rosângela Alves da Silva, esta pesquisa busca trazer a voz de nós mulheres negras, valorizando e legitimando a nossa história e trajetória, e não faria sentido falar da nossa história em terceira pessoa. Ainda pontuo que me amparo na concepção de escrevivência de Conceição Evaristo, que destaca a importância de trazer à tona as histórias das mulheres negras, de resgatar nossas vozes e saberes, que foram silenciados pela opressão e violência estrutural. Como cita a autora:

Quando eu usei o termo é... escrevivência [...] se é um conceito, ele tem como imagem todo um processo histórico que as africanas e suas descendentes escravizadas no Brasil passaram. Na verdade, ele nasce do seguinte: quando eu estou escrevendo e quando outras mulheres negras estão escrevendo, é... me vem muito na memória a função que as mulheres africanas dentro das casas-grandes escravizadas,

¹ Essa palestra TED foi, posteriormente, transformada em livro e nesta pesquisa optamos por utilizar ele para retirar a citação e para a referência.

a função que essas mulheres tinham de contar história para adormecer os da casa-grande, né... a prole era adormecida com as mães pretas contando histórias. Então eram histórias para adormecer. E quando eu digo que os nossos textos, é..., ele tenta borrar essa imagem, nós não escrevemos pra adormecer os da casa-grande, pelo contrário, pra acordá-los dos seus sonos injustos. E essa escrevivência, ela vai partir, ela toma como mote de criação justamente a vivência. Ou a vivência do ponto de vista pessoal mesmo, ou a vivência do ponto de vista coletivo. (EVARISTO, 2017, grifos meu)

Durante toda a minha vida, fui marcada pelo racismo, pelo silenciamento e pela opressão e violência estrutural sofridos por nós, pessoas negras, e principalmente por nós, mulheres negras. Quando comecei a frequentar a escola pública nos anos 80, sempre via as mulheres negras reportadas nos livros didáticos como escravas, domésticas. Sempre em profissões que servissem a elite branca. Na minha infância e adolescência, eu não vislumbrava mulheres negras que exercessem outras funções profissionais, que ocupassem outros lugares.

A desigualdade de gênero e raça sempre esteve presente no meu cotidiano, sempre foi um incômodo, ao qual eu não sabia nem dar nome, mas sentia. A discriminação sempre foi imensa e presente. Assim, a minha escolha pelo tema se dá por buscar traçar o caminho e o porquê da ausência da valorização de vivências de mulheres negras, em especial a professora Rosângela, que teve uma trajetória transformadora na práxis de diversos educandos em sua vida profissional e pessoal.

O recorte que eu procurei fazer da vida da professora Rosângela foi seu legado acadêmico e profissional, com base em pesquisas nos meios digitais, a entrevista que Rosângela concedeu a Marco Antonio Pereira, para sua dissertação de mestrado, e participações dela em eventos e projetos na cidade de Sorocaba. O ambiente acadêmico possibilitou-lhe lutar contra as barreiras culturais e normas sociais impostas, ligadas ao contexto histórico de como é importante o negro conhecer sua história, “não é por acaso que todas as ideologias de dominação tentaram falsificar e destruir as histórias dos povos que dominaram.” (MUNANGA, 2015, p. 31), e a magnitude deste ato me transformou.

O questionamento que buscarei responder nesta pesquisa é: **"Qual é a importância e qual é o legado da professora Rosângela da Silva Alves para uma educação antirracista?"**

A importância se manifesta na questão do enfrentamento da realidade social que se iniciou na cidade de Boituva, interior de São Paulo. Quando era uma menina, Rosângela teve seu primeiro “contato” com o racismo na escola, e chorou por ter sido chamada de "negrinha".

O ocorrido fez com que sua mãe a colocasse em frente ao espelho e a fez perceber o potencial dentro de si. Afinal, por que chorar por ser negra? Conta Rosangela em entrevista²:

Eu era a única criança negra no período matutino e lá tive o meu primeiro enfrentamento, que acredito ser devido à questão racial. A gente formava filas duplas para entrarmos na sala de aula e nenhuma criança quis formar par comigo. [...] Também nessa escola, me deparei com o xingamento de "negrinha". Nesse dia, cheguei em casa chorando e contei pra minha mãe. Sua atitude fez muita diferença na maneira como eu enfrentaria as dificuldades nessa questão no futuro. Ela então me colocou diante do espelho e perguntou de que cor eu era. Respondi ainda chorando que era negra e ela me disse, então: você vai responder, vai brigar, vai fazer o que quiser, mas jamais vai voltar pra casa chorando porque te chamaram de negra, porque você é negra mesmo e isso não pode ser mudado. (PEREIRA, 2014, p.104-105)

Começou então a preparação, com o apoio da família, para desabrochar a realidade do que é ser negra. Rosangela transformou a sua realidade e a de crianças e adolescentes com seus projetos e ações que foram vivenciados integralmente em sua jornada no campo da educação na questão da negritude. Alguns dos seus projetos e ações foram: o MOMUNES (Movimento de Mulheres Negras de Sorocaba), o projeto Curumim e, mais tarde, o Centro Cultural Quilombinho.

Rosangela, com o propósito de transformar e formar pessoas com o resgate da negritude e transpor barreiras, apresentou o que eu, Giovana, precisava encontrar sobre meus ancestrais, o que estava preso dentro de mim, e pude vivenciar a negritude de nós negros, sequestrada pela ganância e maldade do colonizador.

O banzo dos negros nunca foi curado, especialmente o da mulher negra, que é cobrada por uma sociedade que a inviabiliza com a falta de oportunidades nos estudos e não a enxerga como um ser com ambições e anseios. Desde a creche, ela leva o primeiro xeque-mate, sofrendo com o preconceito enraizado do racismo estrutural. Para essa criança, não existe nem mesmo um cafuné.

O interesse por este trabalho faz parte da construção da minha subjetividade e do meu processo de construção de identidade e valorização da negritude. Refuto participar do embranquecimento cultural, que sempre foi tido como a perfeição, mas que na verdade é uma negação e demonização do negro, machucando a nossa essência, esmagando o nosso passado, apagando a nossa identidade, trabalhando em nossa mente a submissão e chicoteando a nossa alma com conceitos enraizados que me foram impostos desde a infância, como a inferioridade e a supremacia branca.

² Sempre que eu citar trechos de Rosangela em entrevista, estarei usando como fonte a entrevista que a professora concedeu a Marco Antonio Pereira, para sua dissertação de mestrado.

Mencionar a palavra "negro" era considerado uma ofensa, pois não gostávamos de ser relacionados a escravos e a um povo aparentemente sem história. As recusas sociais são e continuarão a ser uma realidade para muitos negros, pois a condição social e econômica não camufla o preconceito racial e a exclusão da sociedade, que é excludente. No entanto, o conhecimento das raízes é libertador. Ele fez com que o medo de olhar nos olhos do dominador agora se transformasse em afronta, pois ao olharmos nos olhos, as respostas para os "porquês" surgem, e isso é emancipador.

No meio de diversos discursos historicamente construídos sobre mulheres negras, o protagonismo e a leitura da realidade em que vivemos são cruéis com as crianças negras que não receberam a formação antirracista em casa ou na escola. No entanto, a desconstrução e a inclusão de concepções de empoderamento das mulheres negras transformam essa realidade.

São formados novos processos de percepção da realidade com o sujeito aprendente, e o aprendizado de suas raízes fortalece as teias da potência. É a realidade do aprendizado que consegue penetrar um pouco na fragilidade do mundo capitalista e racista que é apresentado para crianças, adolescentes, jovens, adultos, idosos, mulheres e homens negros.

A admiração pelo trabalho da professora Rosangela Alves da Silva fez com que eu questionasse o porquê a sociedade é tão cruel com os negros e principalmente com as mulheres negras, considerando que “A história do negro no Brasil passou pela mesma estratégia de falsificação e de negação e quando foi contada o foi do ponto de vista do outro e de seus interesses” (MUNANGA, 2015, p. 31). Desta forma, precisamos como educadoras garantir que tenhamos acesso a história das pessoas negras que buscaram mudar essa realidade, e eu preciso compartilhar o que aprendi com outras educadoras para que conheçam e sejam transformadas pela história da professora Rosangela Alves da Silva, a história de vida dela precisa sim ser contada.

Mulheres negras entendem o que é lutar pela vida, pois frequentemente se deparam com experiências negativas, falta de acesso à educação ou de alguém que as guie para uma visão emancipatória da vida, o que as impediria de transpor novas narrativas de vida. Se tivessem a oportunidade de se instruir intelectualmente, poderiam fazer a ponte sobre o conhecimento ancestral. O que me motivou na construção do processo de aprendizado da cultura negra foi perceber, pela primeira vez, que a mulher negra e retinta pode ser bonita, inteligente, graduada e ter a oportunidade de transformar a consciência racial com a educação antirracista.

O primeiro capítulo desta pesquisa ficou sendo, então, essa introdução, na qual busquei apresentar o tema, a justificativa e a problemática que buscarei responder nos próximos capítulos.

No segundo capítulo, intitulado “Como me descobri negra e a admiração pelo trabalho da militante e educadora Rosangela da Silva Alves” apresento como a trajetória da Rosangela e seu trabalho como educadora antirracista transformou minha percepção enquanto adolescente negra sem referências reais sobre o que é ser negra.

No terceiro capítulo, intitulado “A história da vida da professora Rosangela da Silva Alves, com foco em sua atuação na educação”, busco apresentar os principais pontos da história da vida profissional da professora Rosangela da Silva Alves, com foco em sua atuação na área da educação antirracista e como essa trajetória pode transformar a vida de nós, mulheres negras.

No quarto capítulo, intitulado “A educação antirracista: legislações e referências teóricas”, buscarei estabelecer um diálogo com autores como Paulo Freire, Florestan Fernandes, Lélia Gonzalez, Kabengele Munanga e Chimamanda Ngozi Adichie, sobre uma educação antirracista e reflexões sobre experiências formativas nas relações étnico-raciais na educação. Pretendo ainda abordar a Lei 10.639, de janeiro de 2003, que alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) de 20 de dezembro de 1996, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira" e outras providências. Farei uma reflexão sobre a experiência nos estágios que realizei, uma vez que, nas escolas em que estive, essas leis não eram aplicadas corretamente.

No quinto capítulo, intitulado "O legado da professora Rosangela para a efetivação de uma educação antirracista", buscarei descrever a trajetória da professora Rosangela na área da educação antirracista, na qual ela desenvolveu, no Centro Cultural Quilombinho, um processo de educação de ação afirmativa que não era implementado nas escolas conforme previsto pelas leis. E como seu papel na educação não escolar possibilitou a formação de conhecimentos que deixaram marcas em sua vida e na das crianças assistidas. Abordarei também a participação de educadores que trazem experiências de suas infâncias marcadas por algum tipo de estranhamento na sociedade pela cor da pele negra.

Nas considerações finais, sinto-me feliz por estar aberta ao conhecimento da minha ancestralidade por meio da oralidade dos mais velhos, de escritos, de famílias negras de Sorocaba, de filmes, livros e documentários sobre o conhecimento que me foi negado na construção da minha identidade enquanto mulher negra.

2. COMO ME DESCOBRI NEGRA E ADMIRAÇÃO PELO TRABALHO DA MILITANTE E EDUCADORA ROSANGELA DA SILVA ALVES

*“Nossa fala estilhaça a máscara do silêncio.”
Conceição Evaristo*

Minha escolha de um tema para o trabalho de conclusão de curso em Pedagogia tinha que ser baseada no meu desejo de pesquisar um assunto relacionado ao povo negro, em especial, uma mulher que lute e resista pela igualdade racial. Afinal, passei mais de cinco anos construindo conhecimento na universidade e essa experiência transformou minha visão de mundo. É necessário que o povo negro saiba como se posicionar e compreender os fluxos dos conflitos deixados por um país que foi construído com tradições escravocratas e que formou a nação brasileira.

As leituras e conhecimentos que adquiri recentemente na universidade desconstruíram o racismo ao qual sempre fui subjugada. A filosofia me trouxe reflexões sobre a essência da humanidade e a realidade em que vivemos, que pode e deve ser modificada. Essa ciência também me ajudou a compreender as questões que me incomodavam culturalmente. Fui apresentada à filosofia africana através dos textos da filósofa negra e quilombola Katiúscia Ribeiro, que aponta o apagamento dos costumes e estratégias de resistência da cultura negra. A sociologia, que estuda os processos que interligam os indivíduos por meio de grupos e instituições, me permitiu conhecer Lélia Gonzalez, antropóloga e socióloga que foi militante do Movimento Negro Unificado. Lélia Gonzalez me ajudou a compreender a condição da mulher negra no Brasil.

Conheci Conceição Evaristo, pesquisadora-docente universitária que me fez compreender a permanência da exclusão do negro desde a escravidão no período colonial brasileiro. Com Djamila Ribeiro, ativista filósofa e pesquisadora, aprendi questões sobre relações raciais de gênero, feminismo e origens sociais da desigualdade. Conheci diversas autoras negras que constroem continuamente processos de lutas internas e externas. E leis que foram construídas no Brasil a partir de 2003, no governo Lula. Foi aprovada, em 09 de janeiro de 2003, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional para implementar a obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Afro-Brasileira nas escolas públicas e privadas de Ensino Fundamental e Médio, estabelecendo especificações pertinentes.

Precisamos ter referências de autores e pessoas negras, pois as histórias, lutas e vivências do povo negro importa, como falou Conceição Evaristo em uma entrevista à Carta

Capital³ “precisamos mostrar as nossas narrativas”, nossas narrativas importam e elas nos firmam na construção do saber, autoafirmação e ações afirmativas. Nossa narrativa, nossas histórias, nossa voz, seja através de pesquisadoras, ou de músicas, ouço rap internacional, mas principalmente o nacional, nos fazem refletir sobre quem somos, me fez refletir sobre quem sou e o que me leva a ser uma mulher negra. Mas esse processo de auto descobrimento é um desafio constante.

Descobri-me negra e corajosa no enfrentamento quando, nas colunas sociais do jornal "Cruzeiro do Sul" de Sorocaba, deparei-me com a imagem de uma bela mulher negra, ver Figura 1, que trabalhava em eventos relacionados à cultura negra. A semente foi plantada pela admiração que senti pelo trabalho de Rosangela e sua belíssima trajetória de luta, que me enche de orgulho.

Figura 1: Representatividade possibilitou me descobrir negra e ter orgulho.



Fonte: Jornal Cruzeiro do Sul, 2017.

Rosangela, uma mulher negra da cidade de Sorocaba, construiu um legado junto com outras mulheres negras que, como ela, persistem no enfrentamento das barreiras criadas pela estrutura racista. Rosangela e outras mulheres que vieram antes dela, desconstruíram a ideia de que a mulher negra só poderia ocupar lugares subalternos. É claro que não posso

³ Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/conceicao-evaristo-201cnossa-fala-estilhaca-a-mascara-do-silencio201d/>. Acesso em: 07 de abr de 2023.

menosprezar o trabalho de muitas mulheres negras que sustentam famílias inteiras com serviços domésticos, como minha mãe, que, juntamente com meu pai, idealizou outros lugares na sociedade que deveriam ser conquistados por meio dos estudos.

Rosângela lutou por um ideal de transformação e inspirou muitas crianças e adolescentes a descobrirem suas raízes negras e a terem orgulho de seus ancestrais, uma história que foi negada nos livros didáticos. Ela merece ser eternizada e contada nas páginas de um trabalho universitário e oralmente por aqueles que tiveram a oportunidade de conviver com ela.

Eu gostaria muito de escrever sobre o papel do matriarcado na sociedade negra, a história das mulheres negras e seu legado na preservação da memória de seus antepassados. No entanto, é difícil encontrar materiais que valorizem esse legado, uma vez que a história tende a menosprezar a contribuição dessas mulheres, que geraram pessoas que foram sequestradas e escravizadas em sua terra natal, a África.

A alteração da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) com a sanção da Lei 10.639/03, que estabelece a obrigatoriedade do ensino da história e cultura afro-brasileira e africana no Brasil, é extremamente importante. Sancionada em 9 de janeiro de 2003, durante o governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, acrescida pelos artigos: 26-A, 79-A e 79-B, decreta o seguinte:

Art. 26-A. Nos estabelecimentos de Ensino Fundamental e Médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira.

§ 1º O conteúdo programático a que se refere o caput deste artigo incluirá o estudo da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes a História do Brasil.

§ 2º Os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e Histórias Brasileiras.

Art. 79-A. (VETADO) (Incluído pela Lei Nº 10.639/03, de 9.1.2003)

Art. 79-B. O calendário escolar incluirá o dia 20 de novembro como o 'Dia Nacional da Consciência Negra'.

Essa é uma conquista gigantesca para nós, eu lembro na minha infância e adolescência, o único conteúdo que aprendi nas escolas sobre a história dos negros no Brasil era a data da abolição da escravidão, em 13 de maio de 1888, com a Lei Áurea. Essa abordagem me causava náuseas. Felizmente, agora as escolas são obrigadas a incluir conteúdo sobre a história e cultura afro-brasileira e africana, o que permite que as futuras gerações conheçam e valorizem a rica contribuição da população negra para a construção da sociedade brasileira.

Além disso, minha família possui terras próprias deixadas pelos "senhores" na região de Tiete, Cerquilha, Boituva, Porto Feliz, Itu, Laranjal Paulista e até mesmo terras remanescentes de quilombos, no estado de São Paulo, que foram roubadas pelos "imigrantes", como meus parentes comentam até hoje.

Na adolescência, em busca de amizades negras, comecei a acompanhar a coluna social da época, nos anos 90, que relatava sobre os eventos do Clube 28 de Setembro e sobre a militante e educadora Rosângela da Silva Alves. Foi um marco em termos de referência para mim, pois lembro-me de que, na minha infância, não tinha nenhum referencial feminino e local em quem pudesse me espelhar, exceto minha mãe, tias, primas, cantoras brasileiras de samba e MPB, atrizes negras (intérpretes de escravas ou empregadas) e a personagem Escrava Isaura, que, mesmo não sendo negra, assisti à reprise em 1981 da novela no programa Vale a Pena Ver de Novo, da Rede Globo. A emissora, que até então sempre representou o negro como escravo, cantor ou esportista, excepcionalmente tinha a repórter Glória Maria, que me enchia de orgulho na infância.

Na escola não tinha referências de pessoas negras, suas narrativas não eram contadas, e quando contadas eram pela visão dos brancos. Lembro das experiências traumáticas, por exemplo os momentos onde os "engraçadinhos" da sala de aula sempre cantavam esta música:

Lerê, lerê, lerê, lerê, lerê
Lerê, lerê, lerê, lerê, lerê
Lerê, lerê, lerê, lerê, lerê
Lerê, lerê, lerê, lerê, lerê
Vida de negro é difícil, é difícil como o quê
Vida de negro é difícil, é difícil como o quê ...
(CAYMMI, 1976, Retirantes)

As crianças cantavam essa música e exaltavam o 13 de maio de 1888 para mim, era horrível ser negra nesta data. Muitas vezes chorei, briguei, bati, levei chute na escola por ser negra. Por tudo isso, acompanhar a trajetória da militante e educadora Rosângela da Silva Alves foi de grande magnitude para mim. Sinto que, assim como ela, posso ser uma mulher que impacta a vida de outras pessoas, incentivando-as a se conhecerem. Posso ajudar os semelhantes a mim. Rosângela sempre acreditou que, guiada pela família e incentivada a estudar e lutar, a comunidade negra pode superar quaisquer barreiras. Ela nos ensina que nossos pensamentos podem ser nossos maiores obstáculos, mas que as vitórias, tanto internas quanto externas, podem ser alcançadas por meio da luta e da perseverança.

3. A HISTÓRIA DA VIDA DA PROFESSORA ROSANGELA DA SILVA ALVES, COM FOCO EM SUA ATUAÇÃO NA EDUCAÇÃO

“Acredito que fui uma professora que fez diferença na vida dos meus alunos, porque acredito que a maior construção é ensiná-los a pensar. Isso já começa com o fato de terem uma professora negra em sala de aula. Houve muita resistência dos pais. Tive que levar diploma em sala, pra mostrar aos pais que eu era formada e que não queria ser somente a tia que limpava a bunda dos alunos e dava remedinho na hora certa.”

Rosangela Cecilia da Silva Alves

Rosangela Cecilia da Silva Alves nasceu em Boituva, interior de São Paulo, em 24 de dezembro de 1963 e faleceu em 12 de março de 2017. Seu pai, Benedito Pereira Alves, era bancário, e sua mãe, Benedita Silva Toledo, era professora. Com a transferência do trabalho do pai para Sorocaba, Rosangela mudou-se com seus quatro irmãos e, logo após a chegada, a mãe procurou a melhor escola pública da cidade.

No documentário Negro Nós, produzido por Luciana Lopez em 2017 e disponível no Youtube e em outras entrevistas concedidas, Rosangela relata seu primeiro enfrentamento com questões raciais na escola “Dr. Achilles de Almeida”, aos oito anos, quando foi chamada de “negrinha”. Ela conta que chegou em casa chorando, e sua mãe a colocou na frente do espelho e perguntou que cor ela era, ao que Rosangela respondeu “negra”. Sua mãe disse-lhe para nunca mais voltar chorando para casa e que, quando a chamassem de “negra”, ela deveria reagir e ter orgulho de sua cor, mostrando que tinha caráter e inteligência, e que poderia fazer tudo. Como relata em entrevista, a atitude da mãe foi fundamental para Rosangela, “Sua atitude fez muita diferença na maneira como eu enfrentaria as dificuldades nessa questão no futuro” (PEREIRA, 2014, p. 105).

Essa experiência empoderou Rosangela, que nunca mais teve problemas por ser chamada de “negrinha”, mas ainda enfrentou situações de racismo como mulher negra. A mãe de Rosangela a fez ter consciência de si mesma e a enfrentar a instituição escola, que tem como papel ensinar e desenvolver as percepções do mundo, seus direitos e deveres na sociedade.

O autor Munanga (1988, p. 47) antropólogo e professor brasileiro-congolês, especialista em antropologia da população afro-brasileira, atentando-se a questão do racismo na sociedade brasileira, pontua que “identidade, fidelidade e solidariedade constituem, três aspectos de uma só personalidade cultural negra africana, tal como a perceberam os protagonistas da negritude.”

Rosângela teve uma família que lhe proporcionou a oportunidade de desenvolver a consciência de si mesma como protagonista e perpetuadora da força e resistência da população negra. De acordo com Rosângela, sua infância foi permeada por sentimentos e cheiros de “doce de goiaba feita na panela de ferro no fogão de lenha, bolinho de bacalhau”, que ela procurava na vida adulta como uma forma de reviver essas lembranças.

Durante sua trajetória escolar, no terceiro ano do curso do magistério na escola "Getúlio Vargas", Rosângela engravidou aos dezenove anos e se casou com Amauri, tendo dois filhos, Luiz Eduardo e Maria Luiza. Sua mãe não permitiu que ela interrompesse os estudos e seus pais cuidaram das crianças para que ela pudesse continuar estudando. Após dois anos, a união matrimonial chegou ao fim e Rosângela voltou para a casa de seus pais. Como conta em entrevista:

Prosegui meus estudos na escola Getúlio Vargas, que também era municipal e de excelente qualidade. Lá cursei magistério, um pouco por influência da minha mãe, que era professora e que dizia que essa era uma profissão com garantia de oportunidade de trabalho. No terceiro ano de magistério, engravidei e me casei. Acho importante enfatizar a postura da minha mãe diante da minha gravidez precoce. Ela realmente me fez ser mãe, diferentemente dos dias atuais, onde muitas mães de adolescentes assumem a maternidade de seus netos. Isso, muitas vezes, leva a outras gravidezes. (PEREIRA, 2014, p. 105).

Em 1982, Rosângela conheceu o ICAB (Instituto de Cultura Afro-brasileira), que funcionava nas instalações da Faculdade de Filosofia, atualmente UNISO. O ICAB foi fundado por Ana Maria Mendes, Jorge Narciso Matos e Bernardino Antônio Francisco, no Clube 28 de Setembro. Posteriormente, o ICAB se transformou no NUCAB (Núcleo de Cultura Afro-brasileira).

Em 1984, Rosângela formou-se em Pedagogia na UNISO e também estudou na Fefiso (Faculdade de Educação Física de Sorocaba), que funciona até hoje no prédio da ACM (Associação Cristã de Moços). No mesmo ano, ingressou no serviço municipal e estadual de Sorocaba.

Em 1984, na Fefiso, Rosângela enfrentou mais um embate entre muitos que teria em sua vida. Durante uma atividade na faculdade de educação física, foi substituída por outra mulher (branca) no time de basquete, o que a prejudicou. Rosângela pegou a bola e foi conversar com o diretor, que lhe disse que, se estivesse sendo prejudicada, ela deveria tomar uma atitude, e assim o fez.

Organizou o Encontro do Jovem Negro de Sorocaba na Faculdade de Sorocaba, com o professor negro João Dias como mediador. No encontro foram realizadas gincanas com

peças negras e as tarefas eram: trazer o maior número de negros universitários, a negra mais idosa, a família com o maior número de filhos, a avó mais idosa, a avó mais jovem, e negros que tocassem instrumentos diferentes da tradição do samba. Eles conseguiram um violinista e um flautista, e levaram também pessoas que haviam se formado em escola de samba. Segundo Rosângela, foi emocionante a quantidade de pessoas e alunos que conseguiram juntar. Neste evento, Rosângela conheceu Marilda Correa, com quem seguiria a militância negra na cidade de Sorocaba e fundaria o "Projeto Social Quilombinho".

Na gincana, Rosângela também conheceu Mazé Lima, que a convidou, em 1997, para o coral de Mulheres Negras, MOMUNES (Movimento de Mulheres Negras de Sorocaba). Na cidade, havia um grupo de mulheres negras que cantava na celebração do 13 de maio diante da estátua da Mãe Preta na Praça Castro Alves, em um evento feito pela já falecida militante do Movimento Negro, dona Cida Pires. No coral Rosângela permaneceu por nove anos, até a regente do coral adoecer e o coral encerrar suas atividades. Como também conta em entrevista:

Outro fato importante na minha vida foi a formação do Coral das Mulheres Negras de Sorocaba. Era o ano de 1997 e Mazé Lima, que eu conheci na gincana, me convidou para participar de um coral que estava formando. Na realidade, havia um grupo de mulheres que cantavam na celebração do dia 13 de maio, diante da estátua da Mãe Preta, na Praça Castro Alves. Era um evento organizado por uma liderança negra já falecida, dona Cida Pires. Aceitei o convite e passei a fazer parte desse coral. Com o adoecimento do regente, o coral se acabou. (PEREIRA, 2014, p. 109).

Em 1986, o encontro foi novamente realizado no Clube 28 de Setembro. Nesse ano, um novo grupo de jovens negros estava sendo formado, com o objetivo de fazer a diferença no Movimento Negro de Sorocaba e tratar de questões relacionadas à identidade e negritude. Os jovens tiveram uma conversa com a diretoria do Clube 28 de Setembro, que lhes orientou a se informar sobre a vida política do clube, que contava com membros tradicionais.

Dentro desse movimento, Rosângela percebeu que ele foi perdendo suas características políticas e se tornando focado em eventos de festas. Por essa razão, ela se afastou um pouco das atividades da militância, que continuaram com Marilda, para dar mais atenção à sua família. Rosângela se casou com Carlos (falecido) e desse relacionamento nasceu Carlos Eduardo e João Paulo.

Retorna às atividades em 1991 no NUCAB com o projeto Curumim, em parceria com a Faculdade de Filosofia. O projeto assistia vinte crianças da periferia de Sorocaba, que aprendiam história da África, canto coral, contos africanos, artesanato africano, entre outras atividades. Era uma oportunidade para essas crianças conhecerem uma faculdade e, quem sabe,

desenvolverem o desejo de continuar seus estudos. Rosângela encontrou no trabalho social um prazer que desenvolveria nos anos seguintes.

Em 1998, o coral MOMUNES ganhou bases políticas. “No campo político, houve a preocupação de trazer para o MOMUNES outras mulheres com experiência de participação nos movimentos sociais negros e de mulheres” (PEREIRA, 2014, p. 111). Mazé Lima (presidenta), Vera Torquato (tesoureira) e Rosângela (vice) elaboraram o estatuto do MOMUNES, ele “poderia funcionar como uma cartilha, para que aprendessem que, mesmo sem ligação político-partidária, poderiam se movimentar politicamente” (PEREIRA, 2014, p. 111).

Para essas mulheres, o matriarcado adquiriu dimensões políticas, com o convite de militantes da questão negra. As mulheres eram acompanhadas por seus filhos e traziam questões relacionadas ao cuidado com a família e ao resgate da autoestima da mulher negra.

Em 2001, as militantes Rosângela e Marilda fizeram o curso de Gestão Empresarial oferecido pela FDA (Fundação Douglas Ariane) para afrodescendentes e indígenas. O curso foi realizado na Fundação Getúlio Vargas e contou com a participação de quarenta e cinco negros e um indígena.

Ainda em 2001, Rosângela assumiu a presidência do MOMUNES, e as mulheres que faziam parte do projeto não tinham com quem deixar seus filhos. O sonho de Rosângela era ter uma ONG e colocar em prática o que aprendeu no curso, ensinando sobre negritude, como ela também conta em entrevista:

Conforme eu disse, nesse tempo estávamos fazendo o curso de gestão empresarial. Ao final do curso, tínhamos de apresentar um projeto de trabalho, usando as ferramentas aprendidas durante o curso. Poderia ser uma ONG ou mesmo uma empresa fictícia. Ao longo do curso, sempre tive em mente a ideia de fazer um projeto de algo que pudesse ser realizado. Meu sonho escondido era o de ter uma escola onde pudesse trabalhar a questão da negritude, que depois veio a se concretizar na Lei 10639/03. (PEREIRA, 2014, p. 112).

Rosângela fez diferença na vida de muitas crianças e adolescentes, que a viam como um espelho. A educação ganha, segundo Freire (1970), ao romper com os esquemas verticais da educação bancária e se tornar problematizadora, pois uma professora negra rompe o viés da branquitude dentro da sala de aula na visão dos alunos negros. Conforme Freire (1970, p. 95-96): "Desta maneira, o educador já não é o que apenas educa, mas é educado em diálogo com o educando, que ao ser educado também educa".

3.1 O PROJETO QUILOMBINHO

Desejo, sinceramente, que o Quilombinho continue a ser uma escola de portas abertas para o mundo. Não precisamos de paredes, cadeiras e carteiras pra ter aula. Aula é isso tudo. É sair do local onde você está, aprender, voltar e transformar o local.

Rosângela Cecília da Silva Alves

"Quilombo" é uma palavra de origem africana, pertencente aos idiomas da família bantu. Ela é associada a acampamentos e também a guerreiros imbangalas, e começou a aparecer nos documentos históricos somente no final do século XVII. Os quilombos eram espaços de resistência em que os moradores se denominavam "quilombolas". Eram compostos principalmente por negros que foram trazidos para o continente americano como escravos, e que trouxeram consigo uma série de conhecimentos sobre mineração, plantação, construção, metalurgia, além de hábitos, idiomas e outras contribuições culturais.

É importante ressaltar a luta histórica das comunidades quilombolas pelo reconhecimento e garantia de suas terras. Como previsto no Art. 68 da Constituição Federal de 1988, essas comunidades têm o direito à propriedade definitiva das terras que ocupam e cabe ao Estado emitir os títulos correspondentes, como consta na constituição: "Art.68 - Aos remanescentes das comunidades dos quilombos que estejam ocupando suas terras é reconhecida a propriedade definitiva, devendo o Estado emitir-lhes os títulos respectivos." (BRASIL, 1988)

Figura 2: O sonho de Rosângela se torna realidade.



Fonte: Agenda Sorocaba, 2017.

O Projeto Quilombinho foi idealizado pelas educadoras e militantes Rosângela e Marilda, no curso de Gestão Empresarial. Com o projeto escrito, saíram a campo para a

captação de verbas, mas quem investiria em duas desconhecidas? Se depararam com embates sobre o local onde o projeto seria realizado, o número de crianças que seriam atendidas e como iriam alimentá-las.

Voltaram e repensaram as estratégias e, seguindo a sabedoria da matriarca da família de Rosângela, Dona Benedita, chamaram as crianças da comunidade em que viviam e nas dependências do Clube 28 de Setembro. No dia 26 de abril de 2003, deram início às atividades do “Projeto Cultural Quilombinho”, que atendia crianças de seis a dezesseis anos.

O pensamento das educadoras e militantes Rosângela e Marilda era a construção de um olhar diferente para a educação no contraturno escolar. O projeto teve início com a distribuição de duas cestas básicas, mas, graças à parceria com a CEAGESP (Companhia de Entrepostos e Armazéns Gerais de São Paulo) em Sorocaba, a mãe de Rosângela, dona Benedita, conseguiu arrecadar mais alimentos e introduzir legumes na alimentação das crianças, mesmo aquelas que não estavam acostumadas a comê-los.

Além disso, o projeto realizava campanhas para arrecadar mais alimentos, com amigos, vizinhos e procuravam fazer o próprio marketing, como aprenderam no curso de gestão. O Dia das Mães foi celebrado com uma festa e uma jornalista fez uma matéria de página inteira no jornal "Cruzeiro do Sul". A reportagem chamou a atenção do ator sorocabano Paulo Betti, que, em 2005, produziu o filme "Cafundó", dirigido por Clóvis Bueno e Paulo Betti, no qual procurava um menino negro para interpretar "João de Camargo", um religioso brasileiro considerado santo popular e milagreiro, nascido em Sarapuí, interior de São Paulo, relata Rosângela:

Uma das coisas que aprendemos no curso de gestão é a necessidade de fazermos o nosso próprio marketing. O ovo da pata é muito mais nutritivo, mas o da galinha tem muito mais consumo por causa do barulho que a galinha faz ao botar. Trouxe isso pra minha vida. Fizemos uma festa do dia das mães e chamamos a jornalista Angela Fiorenzo, o que possibilitou que o evento ganhasse uma página inteira no jornal Cruzeiro do Sul. O ator Paulo Betti, naquele momento, procurava uma criança negra para trabalhar no filme Cafundó. Ao ver a reportagem, nos procurou e o Wesley, uma de nossas crianças, acabou sendo escolhido para o filme. Foi a primeira inserção do Paulo no Quilombinho. (PEREIRA, 2014, p. 116).

Como resultado a procura pelo Quilombinho só aumentou, e o Clube 28 de Setembro, onde o projeto era realizado, tornou-se pequeno para as atividades dos sócios, gerando conflitos com a diretoria.

Com o aumento do número de crianças, o espaço do clube começa a ficar pequeno e surgem os primeiros conflitos com a diretoria, pois prejudicava as demais atividades desenvolvidas pelos associados. Começamos uma via sacra à procura de um novo

local, que, diga-se de passagem, não poderia cobrar aluguel. Estávamos em ponto de encerrar as atividades em julho e não retornarmos mais. A pressão foi tanta que, nesse período, eu vim a sofrer um infarto e quase morri. (PEREIRA, 2014, p. 117)

O Instituto Paulo Betti, situado na Rua Caramuru, foi cogitado por Rosângela como um possível local para a instalação do Quilombinho. Após conversar com a secretária do local, a proposta foi apresentada a Paulo Betti, que concordou em ceder o espaço com a condição de que as adaptações necessárias para acomodar as crianças não interferissem na fachada do prédio. Rosângela, então, buscou o apoio do *Rotary Club*, uma organização cuja missão é servir à comunidade, promover a integridade e a boa vontade, além de fomentar a paz e a compreensão mundial e as boas relações entre líderes profissionais. Com a realização de um jantar beneficente, o Rotary Club arrecadou fundos para a reforma do espaço.

Na nova sede, o Quilombinho fez parceria com a Secretaria de Cultura Municipal e desenvolveu diversas ações, dentre as quais se destacam a instalação do Cineclube, com filmes de arte de temática social. A frequência era aberta à comunidade e professores da rede pública levavam seus alunos, os quais, após a exibição dos filmes, participavam de debates. Diversos filmes foram exibidos, podemos ver alguns na Figura 3:

Figura 3: Cineclube Quilombinho.



Fonte: Apresentação do Quilombinho disponibilizada online por Catarina Costa Aldeia, no site Slide Player, 2016.

Em 2012, o Quilombinho participou, com sugestão de Paulo Betti, da Rio+20 juntamente com o Grupo de Maracatu Leão da Vila. Um empresário local doou o valor necessário para a viagem e 15 crianças puderam se apresentar na Cúpula dos Povos. Durante o evento, as crianças tiveram a oportunidade de entrar em contato com povos africanos que

apresentaram a dança dos Orixás, muito similar ao Maracatu, além da dança de povos indígenas. Sobre esse lindo momento, Rosangela comentou em entrevista: “Imagine o que foi isso para essas crianças. Algumas delas nunca haviam ido à praia. São experiências que me fazem agradecer por existir o Quilombinho e por me ter sido proporcionado viver isso tudo.” (PEREIRA, 2014, p. 118)

O Quilombinho também trabalhava a capoeira com suas crianças, que é uma representação cultural afro-brasileira que mistura vários elementos, como luta, dança, esporte, música e brincadeira. Como é possível ver na Figura 4:

Figura 4: Na roda da capoeira, corpo e alma se misturam em um canto de liberdade.



Fonte: Foto publicada na plataforma *Facebook*, pela página do Quilombinho, 2022.

O pensamento da professora Rosangela era construir um olhar diferente por meio do aprendizado da cultura afro-brasileira, visto que essa cultura é parte da construção do nosso país, não apenas como escravizados. O aprendizado deveria ser pautado no conhecimento para o empoderamento pessoal e do lugar onde se habita, sem criar guetos, mas sim inserido no contexto sócio-histórico com consciência e autoestima.

A proposta da professora Rosangela de valorização da cultura afro-brasileira se alinha com a ideia de que somos seres que se formam na dialética entre o individual e o coletivo. Conforme afirma Josso (2004, p. 54):

Nessa reflexão também encontramos a dialética entre o individual e o coletivo, mas desta vez sob a forma de uma polaridade; de um lado, empenhamos a nossa interpretação (nos auto interpretamos) e, por outro lado, procuramos no diálogo com os outros uma co-interpretação da nossa experiência. É neste movimento dialético que nos formamos como humanos, quer dizer no polo da auto interpretação, como seres capazes de originalidade, de criatividade, de responsabilidade, de autonomização; mas, ao mesmo tempo, no polo da co-interpretação partilhando um destino comum devido ao nosso pertencer a uma comunidade. É nessa polaridade que vivemos plenamente a nossa humanidade, nas suas dimensões individuais e coletivas.

3.2 A EDUCAÇÃO DE ALUNOS NEGROS E O RACISMO NAS ESCOLAS: EXPERIÊNCIA DE VIDA

“Branco sempre sabe quem é negro. Nós, negros, é que nos confundimos (e nos dispersamos)!”

Cidinha da Silva

Outro aspecto ligado à educação antirracista é a necessidade que nós, educadores e educadoras, reconhecemos a ingenuidade dos educandos em relação à realidade social e a necessidade de superá-la por meio da educação crítica e consciente. Temos que:

[...] “assumir” a ingenuidade dos educandos para poder, com eles, superá-la. E assumir a ingenuidade dos educandos demanda de nós a humildade necessária para assumir também a sua criticidade, superando, com ela, a nossa ingenuidade também (FREIRE, 1982, p. 17).

Desde quando iniciei os estudos nos anos de 1980, lembro-me da fala do meu pai, dizendo à minha mãe que eu já deveria frequentar a escola para aprender a ler e escrever. Com o cabelo crespo repartido ao meio com dois “pitotes”, um uniforme xadrez vermelho e branco, meias brancas até o joelho e um tênis vermelho que chamávamos de conga, eu usava uma blusa branca com o brasão da escola “E.E.P.G. Visconde de Porto Seguro” no lado esquerdo do peito. Eu era a única aluna negra na escola, com seis anos de idade.

No primeiro dia de aula, chorei porque as meninas não queriam pegar na minha mão por estar suada. Foi o primeiro dia longe da minha zona de conforto, longe de casa, dos avós e de parentes negros. Eu já tinha noção de que era negra, pois desenhei o contorno das minhas mãos e as pinte com lápis de cor preto ou marrom.

No primeiro ano, fui a última aluna a ser alfabetizada e a classe era dividida em dois grupos, esquerda e direita, sendo que a fileira da direita era destinada aos alunos considerados “inteligentes”, enquanto as crianças com dificuldade de aprendizagem ficavam na fileira da esquerda. Eu fui a última a passar para o lado direito e acabei sentando no último lugar da

fileira da janela, entre os "inteligentes". Me senti burra e discriminada, carregando essa experiência até hoje.

Hoje, como estudante do curso de pedagogia e futura educadora, quando penso nesse momento da minha jornada, compreendo que se encaixa perfeitamente na visão "bancária" da educação, que Paulo Freire critica em seu livro "Pedagogia do Oprimido". Nessa abordagem, o conhecimento é visto como uma doação dos "sábios" aos "ignorantes", reforçando a ideologia da opressão e alienando os indivíduos. De acordo com Freire (1970, p. 81):

Na visão "bancária" da educação, o "saber" é uma doação dos que se julgam sábios aos que julgam nada saber. Doação que se funda numa das manifestações instrumentais de ideologia da opressão – a absolutização da ignorância, que constitui o que chamamos de alienação da ignorância, segundo a qual esta se encontra sempre no outro.

Na segunda série, fui reprovada porque não consegui acompanhar a alfabetização, e os preconceitos raciais já me machucavam com palavras como "negrinha", "macaca", "carvão", "coca-cola" e "chocolate". Eu sentia vergonha quando o foco dos acontecimentos era eu e, muitas vezes, era alvo de agressões físicas injustificadas apenas por ser negra. Sempre ficava de cabeça baixa nas aulas de história e, no dia 13 de maio de 1888, da Lei Áurea, os alunos diziam que era o meu dia. Nos anos que se seguiram, nada mudou. Se eu ia bem em alguma disciplina, os professores achavam que eu colava nas provas.

Eu fui a única criança negra desde o pré-primário até a oitava série na mesma escola, com salas que não mudavam muito, e com professores nada interessados em assuntos relacionados à cultura negra.

Freire (1996, p. 40) aponta que: "Ler e escrever as palavras só nos fazem deixar de ser sombra dos outros quando, em relação dialética com a "leitura do mundo", tem de ver com o que chamo de "re-escrita" do mundo, quer dizer, com sua transformação", essa não foi a minha educação. Essa não foi a educação que minha experiência escolar proporcionou.

No dia dos professores, minha mãe sempre comprava presente para a professora. No terceiro ano, fiquei com vergonha de entregar o presente para a professora e combinei com uma coleguinha para entregar e falar que era eu que tinha dado, mas ela falou que era dela. Depois de trinta anos, já adulta, a professora disse que tinha na estante a ampulheta que minha mãe comprou. Foram trinta anos para que a verdade prevalecesse.

Só então, ao presenciar atitudes na escola e em outros ambientes, compreendi a indiferença que sofremos nesses lugares. Eu tinha uma família com pessoas negras, mas sem

nenhuma referência de autoestima e amor-próprio. O branco era sempre considerado bonito e nós, os negros, éramos comparados a animais.

Meu pai é que nos estimulava a estudar e nos ensinava a tabuada e a realizar operações de adição, subtração, divisão e multiplicação.

Com o passar dos anos, o enfrentamento da questão racial só foi aumentando. Na minha infância, os programas de referência eram o Balão Mágico (TV Globo, 1982-1986) e o Bambalalão (TV Cultura, 1977-1990), que eram meus preferidos. Mas chegou o pesadelo para as meninas negras: o Xou da Xuxa (TV Globo, 1986-1992). Era horrível e sempre reforçou a "certeza" que a sociedade tinha de considerar o biotipo europeu como o ideal. Na escola, todas as meninas "brancas" pintavam o cabelo de loiro.

A escola sempre reforçou a visão eurocêntrica do Brasil. Só tive acesso a informações que me trouxeram compreensão por meio da leitura de alguns livros durante o curso de Pedagogia em 2013. Até minha adolescência, eu estudava para entrar na faculdade, que me daria oportunidades futuras de trabalhos que não seriam serviçais. Meus pais trabalharam muito para que os filhos tivessem um futuro melhor.

Todavia, eu continuava sendo a única aluna negra na sala de aula do pré-primário até o Fundamental II. No cursinho, com minhas tranças afro que as meninas "brancas" achavam lindas, eu era a única negra da sala de aula. Acredito que porque não precisei trabalhar enquanto estudava no período da manhã, sempre fui boa em humanas. Eu adorava as aulas de Arte e História.

O cenário mudou no governo Collor, Fernando Collor de Mello, que governou de 1989 a 1992, quando ocorreu o confisco das poupanças, que mudou a vida financeira de muitas pessoas. De muitas pessoas pobres, pois como explica Andozia (2019, p 56), elas também estavam na lista de pessoas que tinham, mesmo que pequenas, suas poupanças:

Apesar de a maior parte da população à época apresentar renda bastante baixa, insuficiente para manter uma conta corrente, uma parcela conseguia economizar e proteger seu dinheiro da inflação por meio da caderneta de poupança, mesmo sem manter outras relações bancárias. Essa avaliação é reforçada por reportagens jornalísticas da época e pelas cartas dos leitores, que mostram casos de pessoas de baixa renda que tiveram suas economias confiscadas pelo Plano Collor. Nas filas das agências bancárias encontravam-se pessoas de diferentes idades, classes sociais, profissões, escolaridade e faixas de renda em busca de informações sobre os valores bloqueados de suas poupanças.

Quando se trata da questão racial, para os negros não se trata apenas de uma questão socioeconômica, ela apenas intensifica a opressão racial, pois a discriminação é baseada na cor

da pele. Não estou falando do colorismo, que é uma espécie de competição entre negros claros e negros de pele escura. As minhas amigas, independentemente do tom de pele, enfrentam as mesmas questões que eu. Os brancos sempre sabem quem é negro, mas e nós negros? Sabemos sobre nós, sobre quem somos?

Li no livro *O Perigo de Uma História Única*, da autora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie sobre a ideia de uma única história, nele Chimamanda não apenas discute sua própria experiência, mas também traz à tona outras histórias que ilustram como uma visão unilateral pode nos limitar. Em um exemplo, quando ainda era criança, Chimamanda ficou surpresa ao descobrir que a família do garoto que trabalhava em sua casa havia produzido artesanalmente um cesto de ráfia seca, pois a única história que ouvira até então era sobre a "pobreza" daquela família. Em outro momento, já adulta, quando foi estudar nos Estados Unidos, sua colega de quarto teve uma reação de choque ao descobrir que o inglês também era a língua oficial na Nigéria e se decepcionou ao ouvir música ocidental em vez da "música tribal" que esperava.

Esses exemplos mostram como a visão limitada de uma única história pode nos impedir de enxergar as nuances e complexidades de outras culturas e perspectivas. Uma história única nunca permitirá que nós negros saibamos sobre nós, precisamos conhecer nossa história, eu precisei olhar para a minha história e recontá-la a mim mesma após ter acesso a história do meu povo pela perspectiva dele, e não do colonizador.

E até mesmo a UFSCar, apesar de parecer ser um local diverso para alguns alunos e professores, para outros de nós não é, pois alguns professores e alunos, assim como a amiga de Chimamanda, parecem saber sobre nós, negros, apenas pela história do colonizador. Eles ainda carregam tradições escravocratas e manifestam preconceitos de forma velada. Consomem a cultura do nosso povo, mas nós muitas vezes não somos tolerados e aceitos. Precisei de apoio por não ter o mesmo grau de conhecimento de alunos vinte anos mais jovens do que eu, sendo considerada incompetente. Até hoje, não me conformo com o preconceito de um aluno negro com a pele mais clara que, durante todo o curso, menosprezou a mim e a uma amiga negra de pele mais clara.

No embate que tive verbalmente com ele, perguntei que cristão ele era e se ele também era negro, pois sabia que ele era religioso ao extremo. Pensei se ele seguia o preceito da interpretação do mito de Cam como justificativa para o racismo, perpetuando uma ideia equivocada e absurda.

O mito de Cam, uma pequena passagem do Velho Testamento, ainda ressoa e influencia o Brasil [...] Para quem estuda o tema, uma interpretação do conto bíblico, que trata de uma maldição lançada por Noé contra seu próprio neto, incentiva um racismo de fundo religioso no país e a perseguição contra religiões de matriz africana, como candomblé e umbanda. (MACHADO, 2022, s.p.)

Após esse enfrentamento, ele nunca mais falou comigo. Também havia alunas em suas redes sociais, que faziam piadas racistas relacionadas à cultura negra, bem como pedagogos que, embora estudassem ou já fossem formados, trabalhavam com educação infantil. Isso me lembra a música do rapper Baco Exu do Blues (2018, s.p.):

*Oh, yeah
Woo!
Everything, everything
Everything's gonna be alright this morning
Oh, yeah
Everything's gonna be alright*

*Eu sou o primeiro ritmo a formar pretos ricos
O primeiro ritmo que tornou pretos livres
Anel no dedo em cada um dos cinco
Vento na minha cara, eu me sinto vivo
A partir de agora considero tudo blues
O samba é blues, o rock é blues, o jazz é blues
O funk é blues, o soul é blues, eu sou Exu do Blues
Tudo que quando era preto era do demônio
E depois virou branco e foi aceito, eu vou chamar de blues
É isso, entenda
Jesus é blues
Falei mermo*

*Eu amo o céu com a cor mais quente
Eu tenho a cor do meu povo, a cor da minha gente
Jovem Basquiat, meu mundo é diferente
Eu sou um dos poucos que não esconde o que sente
Choro sempre que eu lembro da gente
Lágrimas são só gotas, o corpo é enchente
Exagerado, eu tenho pressa do urgente
Eu não aceito sua prisão, minha loucura me entende
Baby, nem todo poeta é sensível
Eu sou o maior inimigo do impossível
Minha paixão é cativo, eu me cativo
O mundo é lento ou eu que sou hiperativo, oh?*

*Me escuta quem cê acha que é ladrão e puta
Vai me dizer que isso não, não te lembra Cristo?
Me escuta quem cê acha que é ladrão e prostituta
Vai me dizer que isso não te lembra Cristo?
Vai me dizer que isso não te lembra Cristo?*

*Eles querem um preto com arma pra cima
Num clipe na favela gritando: Cocaína
Querem que nossa pele seja a pele do crime*

*Que Pantera Negra só seja um filme
Eu sou a porra do Mississipi em chama
Eles têm medo pra caralho de um próximo Obama
Racista filha da puta, aqui ninguém te ama
Jerusalém que se foda, eu tô à procura de Wakanda, ah*

(Everything's gonna be alright this morning)

*E aê, Diogo!? Poxa, cara
Tava aqui vendo aqui os vídeos que sua mãe me mostrou
Achei massa, viu?
Você com, com Camila Pitanga
Você é muito mais bonito do que ela, viu? É, véi*

A universidade pública, por meio de algumas disciplinas, busca redemocratizar esses espaços acadêmicos com textos que explicam os processos vigentes na sociedade. No entanto, como afirmava uma professora de antropologia que eu admirava muito, os processos de desconstrução são recentes, pois foram 353 anos de 1535 a 1888 no Brasil para a escravização, e agora são 135 anos para compreensão e desmantelamento do processo ideológico. Fico triste em saber que na universidade pública ainda ocorrem embates entre o preconceito sofrido por negros e indígenas. Eu e outras pessoas negras e pobres precisamos trabalhar para sobreviver e, ao mesmo tempo, estudar. O cansaço físico e mental é uma realidade para nós.

4. A EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA: LEGISLAÇÕES E REFERÊNCIAS TEÓRICAS

“É assim que se cria uma história única: mostre um povo como uma coisa, uma coisa só, sem parar, e é isso que esse povo se torna.”

Chimamanda Ngozi Adichie

No meu processo de aprendizagem, orientada pelo exemplo da professora Rosangela, tenho buscado aprender sobre a cultura dos meus ancestrais. Fui apresentada a escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie, que me levou a refletir ainda mais sobre como as pessoas negras ao meu redor sentem e vivenciam a questão racial de formas diversas. Elas incorporam suas subjetividades em uma visão de mundo que é contada nos livros didáticos, os quais por gerações contaram apenas uma história, até que alguém a revisasse e propusesse estratégias educacionais, como a do Movimento Negro, que sempre lutou pela transformação do ensino da cultura afro-brasileira nas escolas, com propostas distintas para mudar a escrita da história do povo negro.

Adichie (2018) ressalta que é impossível falar sobre uma única história sem falar sobre poder. Ela apresenta a palavra "nkali", da língua igbo, que significa "maior do que o outro", para ilustrar como as estruturas de poder do mundo influenciam as histórias que são contadas e quem as conta. Assim como o mundo econômico e político, as histórias são definidas pelo princípio do nkali. É a habilidade de contar a história de outra pessoa e torná-la a história definitiva daquela pessoa. O poeta palestino Mourid Barghouti escreve que a maneira mais fácil de destituir uma pessoa é contar sua história e colocá-la em segundo plano. Como explica ela no trecho:

É impossível falar sobre a história única sem falar sobre poder. Existe uma palavra em igbo na qual sempre penso quando considero as estruturas de poder no mundo: nkali. É um substantivo que, em tradução livre, quer dizer “ser maior do que outro”. Assim como o mundo econômico e político, as histórias também são definidas pelo princípio de nkali: como elas são contadas, quem as conta, quando são contadas e quantas são contadas depende muito de poder. O poder é a habilidade não apenas de contar a história de outra pessoa, mas de fazer que ela seja sua história definitiva. O poeta palestino Mourid Barghouti escreveu que, se você quiser espoliar um povo, a maneira mais simples é contar a história dele e começar com “em segundo lugar”. Comece a história com as echas dos indígenas americanos, e não com a chegada dos britânicos, e a história será completamente diferente. Comece a história com o fracasso do Estado africano, e não com a criação colonial do Estado africano, e a história será completamente diferente. (ADICHI, 2018, p. 12)

O decreto número 1.331, datado de 17 de fevereiro de 1854, estabelecia que os escravos não seriam admitidos nas escolas públicas do país, e a instrução destinada a adultos negros dependia da disponibilidade de professores. O decreto número 7.031-A, de 6 de setembro de 1878, estabelecia que os negros só poderiam estudar no período noturno, e diversas estratégias foram implementadas para impedir o acesso pleno dessa população aos bancos escolares. Como podemos constatar no artigo 5:

Art. 5º Nos cursos noturnos poderão matricular-se, em qualquer tempo, todas as pessoas do sexo masculino, livres ou libertos, maiores de 14 anos. As matrículas serão feitas pelos Professores dos cursos em vista de guias passadas pelos respectivos Delegados, os quais farão nelas as declarações da naturalidade, filiação, idade, profissão e residência dos matriculandos.

Após a promulgação da Constituição de 1988, o Brasil busca efetivar o Estado democrático de direito, com ênfase na cidadania e na dignidade humana, assumindo o compromisso de eliminar as desigualdades raciais. Em março de 2003, o governo federal sancionou a Lei nº 10.639/03, que altera a LDB e estabelece as Diretrizes Curriculares para a implementação do currículo escolar do ensino fundamental e médio, incumbindo ao Estado de:

promover e incentivar políticas de reparações, no que cumpre ao disposto na Constituição Federal, Art. 205, que assinala o dever do Estado de garantir indistintamente, por meio da educação, iguais direitos para o pleno desenvolvimento de todos e de cada um, enquanto pessoa, cidadão ou profissional. Sem a intervenção do Estado, os postos à margem, entre eles os afro-brasileiros, dificilmente, e as estatísticas o mostram sem deixar dúvidas, romperão o sistema meritocrático que agrava desigualdades e gera injustiça, ao reger-se por critérios de exclusão, fundados em preconceitos e manutenção de privilégios para os sempre privilegiados. (BRASIL, 2004, p. 03).

O Movimento Negro considera a Educação um instrumento fundamental para a ascensão social e melhoria das condições de vida, e a lei 10.639/03 é um importante marco na nossa luta pelo acesso à educação de qualidade. A educação sempre foi uma das principais reivindicações dos movimentos sociais dos negros, sendo vista como uma estratégia para proporcionar oportunidades iguais no mercado de trabalho, promover a ascensão social e a integração, além de ser um instrumento de conscientização sobre nossa história, valores e cultura.

Dentre as bandeiras de luta, destaca-se o direito à educação. Esta esteve sempre presente na agenda desses movimentos, embora concebida com significados diferentes: “ora vista como estratégia capaz de equiparar os negros aos brancos, dando-lhes oportunidades iguais no mercado de trabalho; ora como veículo de ascensão social e, por conseguinte de integração; ora como instrumento de conscientização por meio da qual os negros aprenderiam a história de seus ancestrais,

os valores e a cultura de seu povo, podendo a partir deles reivindicar direitos sociais e políticos, direito à diferença e respeito humano” (GONÇALVES, 2000, p. 337).

Além de ser um processo para possibilitar a própria emancipação, o direito a uma educação de qualidade e antirracista também é uma demanda das mulheres negras para suas crianças, pois sem acesso a creche, como elas podem trabalhar? A educação nas creches tornou-se uma mobilização civil, as mulheres negras que organizaram unidades de atendimento e pressionaram o poder público em regiões onde havia mulheres pobres que precisavam trabalhar e não tinham com quem deixar os filhos.

Porém, mesmo após conseguirem, com muita luta esse espaço, percebem que a equipe das creches acaba reproduzindo o racismo com as crianças, pois estão carregadas de senso comum, e as crianças negras acabam sendo tratadas diferentes. Por exemplo, um choro que pode estar solicitando atenção e afeto não é apenas um dengo de uma criança negra. Infelizmente, as crianças negras são vistas como preguiçosas, menos inteligentes e cheias de estigmas negativos, desde as creches até os estudos de nível superior. Como aponta Oliveira e Abramowicz (1985, p. 221-222), ao falar das brincadeiras na educação infantil:

Nas brincadeiras na Educação Infantil, esse racismo aparece quando as crianças negras são as empregadas domésticas, quando as crianças brancas temem ou não gostam de dar as mãos para as negras etc. O racismo aparece na Educação Infantil, na faixa etária entre 0 a 2 anos, quando os bebês negros são menos “paparicados” pelas professoras do que os bebês brancos. Ou seja, o racismo, na pequena infância, incide diretamente sobre o corpo, na maneira pela qual ele é construído, acariciado ou repugnado.

A educação antirracista deve começar desde cedo, ainda nas creches, com bebês e crianças de 0 a 3 anos, e continuar por todo o processo formativo, até a graduação e mesmo depois dela. É necessário acabar com a elitização e exclusão que afetam os negros na educação. As ações afirmativas, muitas vezes associadas ao mês da Consciência Negra em novembro, precisam ser pensadas e discutidas durante todo o ano para que possamos obter novas vitórias e acabar com uma educação elitizada que perpetua a divisão de classes e empobrece, tanto financeira quanto intelectualmente, os negros. Não podemos chamar nosso país de um país democrático enquanto houver racismo, como aponta Florestan Fernandes (1995, p. 1):

Jamais contaremos com uma democracia efetiva se não [...] eliminarmos [o racismo]. O negro ainda constitui o ponto central de referência de nossos atrasos e avanços históricos, a esperança maior na luta dos oprimidos pela criação de uma sociedade nova (FERNANDES, 1995, p.1).

Enquanto alguns brancos acreditam no mito da democracia racial, os negros, muitas vezes desconectados de seu passado histórico, não enxergam a existência dessa democracia. Embora haja leis que condenam a discriminação racial, essas leis muitas vezes só existem no papel, e ainda existem forças que excluem as pessoas negras, iludindo-as e apagando sua história ancestral. Leis não são o bastante, como aponta Souza (2017, p. 198):

Uma legislação educacional que propõe mudanças no modo como negros e negras são identificados e tratados nas escolas, não seria o bastante em uma sociedade que forja relações étnico-raciais sob o mito da democracia racial. [...] Contempla a necessidade de investimento em formação docente, a aquisição de materiais, livros e suportes pedagógicos, o que implica em compromissos com a construção de uma política pública de combate ao racismo em âmbito nacional.

As temáticas africanas deveriam ser mais do que uma reflexão apenas no mês de novembro, e a sociedade precisa se transformar para que os negros possam ser agentes da mudança e assumir seu papel na história do Brasil. A história dos negros no Brasil não é apenas a história de um povo escravizado, mas também a história de um povo enganado e explorado pelo homem branco por mais de 300 anos. Para que essa dívida histórica vergonhosa e lucrativa seja discutida e resolvida pelos governantes, é necessário que tiremos as correntes dos nossos olhos para ter acesso à informação e para que possamos reescrever nosso passado histórico com aprendizados que nos encaminhem para um futuro melhor.

Na aula de história, muitas vezes aprendemos apenas que os negros eram escravos, sem reconhecer que foram obrigados a trabalhar para o lucro das colônias. É por isso que a educação antirracista precisa ser iniciada já nas creches, para derrubar o mito de que o racismo não existe nesses locais e para combater a desigualdade. A creche deve ser um espaço para a afirmação política, onde os valores aprendidos pelos bebês e crianças são construídos de forma não racista. Se não houver formação para a desconstrução do racismo desde cedo, não haverá mudança. É na tenra idade que os valores são aprendidos e, por isso, é fundamental construir ações para o empoderamento. Como aponta Souza (2017, p. 195):

O caráter intocável do racismo na escola reflete as afirmativas “lá na escola não tem racismo” e “não há problema de discriminação na escola”, e mobiliza, ao lado de outros aspectos da formação de professores para a educação das relações étnico-raciais, reflexões sobre a importância da formação docente na temática.

Lélia Gonzalez oferece uma perspectiva interessante sobre o assunto, criticando a ciência moderna como o padrão exclusivo para a produção de conhecimento e apontando a hierarquização do conhecimento como um produto da classificação racial da população, uma

vez que o modelo valorizado é universal e branco. O discurso pedagógico internalizado pelas nossas crianças afirma que a história do nosso povo é um modelo de soluções pacíficas, pontua:

O discurso pedagógico internalizado por nossas crianças, afirmam que a história do nosso povo é um modelo de soluções pacíficas para todas as tensões e conflitos que nela tenham surgido. Por aí pode-se imaginar o tipo de estereótipos difundidos a respeito do negro: passividade, infantilidade, incapacidade intelectual, aceitação tranquila da escravidão etc. [...] Assim como a história do povo brasileiro foi outra, o mesmo acontece com o povo negro, especialmente. Ele sempre buscou formas de resistência contra a situação sub-humana em que foi lançado (GONZALEZ, 1982, p. 90).

Leila ainda relata, em um trecho de entrevista publicado no livro "Por um Feminismo Afro-latino-americano", que sua experiência na escola foi marcada por uma espécie de lavagem cerebral, por conta do discurso pedagógico brasileiro. Ela afirma:

Fiz escola primária e passei por aquele processo que eu chamo de lavagem cerebral dado pelo discurso pedagógico brasileiro, porque, à medida que eu aprofundava meus conhecimentos, eu rejeitava cada vez mais minha condição de negra. E, claro, passei pelo ginásio, científico, esses baratos todos. Na faculdade eu já era uma pessoa de cuca, já perfeitamente embranquecida, dentro do sistema. E, a partir daí, começaram as contradições. (2020, p. 286).

Gostaria que minha experiência e a experiência de Lélia não fossem tão parecidas com a experiência de jovens negros ainda hoje, e principalmente das meninas e moças negras. A iniciativa da Lei 10.639/03 (BRASIL, 2003), que estabelece a necessidade de abordar conteúdos sobre História e Cultura Afro-brasileiras no ensino público e privado do Brasil é uma vitória, mas não pode parar aí, precisamos cada dia mais pensar uma educação antirracista, e a professora Rosângela pode ser grande fonte de inspiração.

5. O LEGADO DA PROFESSORA ROSANGELA PARA A EFETIVAÇÃO DE UMA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA

“A ideia do Quilombinho é atender crianças de todas as etnias. Trabalhamos pela conscientização sobre a coletividade, independentemente da cor da pele. Se ficarmos pensando que o dominador não tem de saber da nossa história, dominado e dominador sairão perdendo. Trabalhamos pela busca do conhecimento, mas muito mais calcados na prática do que na teoria.”

Rosangela da Silva Alves

O protagonismo da professora e militante Rosangela da Silva Alves foi sempre marcado por desafios por ser uma mulher negra, desde suas narrativas imortalizadas em seus processos de engajamento nas questões raciais. Ela era uma criança que foi empoderada pela matriarca dona Benedita e sua família, que lhe proporcionaram, por meio dos estudos, a capacidade de criar e modificar a realidade daqueles que estavam ao seu alcance. Com seu poder de cuidar como matriarca e alfabetizar crianças e adolescentes com conhecimentos da cultura negra, Rosangela foi uma pioneira anos antes da lei 10.639/03 e muitas outras iniciativas no Roteiro Educador em 2012, que envolviam escolas da rede municipal de Sorocaba.

Rosangela se aposentou, mas lecionou na rede municipal e pública de Sorocaba, nas escolas Walter Carretero, Ana Paula Eleutério e no CEI 41-Centro de Educação Infantil Antonio Fratti. Ela proporcionou um olhar diferenciado para seus alunos negros, que em sua maioria ficavam sem atenção na sala de aula. Eram alunos que tinham pela primeira vez na sala de aula uma professora negra. A luta para construir o Projeto Quilombinho, escrito em parceria com a militante e educadora aposentada Marilda Aparecida Correa, transformou muitas crianças e adolescentes com o conhecimento da ancestralidade negra.

A Filosofia Ubuntu ("Humanidade para com os outros") resgata a essência de ser uma pessoa com consciência de que faz parte de algo maior e coletivo. De acordo com essa filosofia, somos pessoas através de outras pessoas e não podemos ser plenamente humanos sozinhos, pois fomos feitos para a interdependência. "Eu sou, porque nós somos".

Após o falecimento da matriarca Rosangela, seus filhos tentaram abraçar a ONG. Algumas pessoas ligadas a Movimentos Negros de Sorocaba tentaram por meio de diálogos conversar com eles sobre o projeto após o falecimento, mas não chegaram a um acordo. A pandemia de COVID-19 fez com que o projeto fechasse suas portas.

O projeto, antes do falecimento de Rosângela, já recebia verba da prefeitura e fazia eventos para manter-se funcionando. Mas, para Rosângela, manter uma ONG já comprometia sua saúde pelo desgaste financeiro, emocional e físico. Portanto, não foi nada fácil para que seus filhos dessem continuidade ao seu legado. Eu fiz várias tentativas de conversar com a filha de Rosângela sobre o fim do processo e documentações da ONG para anexar ao meu trabalho de conclusão de curso, mas só consegui a assinatura para autorizar a escrita.

Todavia, todo projeto tem um começo, meio e fim. E o ciclo se encerrou. Novas gerações farão suas contribuições e novos líderes. Mas o legado e os ensinamentos de Rosângela, esses não têm fim. Rosângela transformou a vida de muitos jovens e transformou a vida de muitas educadoras e educadores, inclusive eu Giovana. O legado de Rosângela da Silva Alves é um exemplo inspirador para a construção de uma educação antirracista.

Podemos desenvolver uma educação antirracista com os ensinamentos deixados por Rosângela da Silva Alves de diversas maneiras, e aqui pontuo algumas ideias iniciais de como:

- Valorizar a cultura negra: assim como Rosângela, podemos ensinar sobre a história e cultura negra, mostrando sua importância e contribuições para a sociedade.
- Empoderar crianças e jovens negros: seguindo o exemplo de Rosângela, podemos incentivar o desenvolvimento acadêmico e pessoal desses alunos, oferecendo oportunidades para que eles possam se tornar líderes e se sentirem confiantes em sua identidade.
- Combater o racismo na sala de aula: Rosângela teve um olhar diferenciado para seus alunos negros, que muitas vezes eram negligenciados pelos professores. Podemos seguir seu exemplo e garantir que todos os alunos sejam tratados com igualdade e justiça.
- Fomentar projetos de educação antirracista: Rosângela criou o Projeto Quilombinho, que tinha como objetivo ensinar sobre a ancestralidade negra e fortalecer a autoestima de crianças e adolescentes negros. Podemos inspirar-nos em seu projeto e criar iniciativas similares em nossas escolas e comunidades.
- Engajar-se em movimentos antirracistas: Rosângela foi uma militante e professora engajada na luta contra o racismo. Podemos seguir seu exemplo e nos envolver em movimentos antirracistas, seja por meio de protestos, campanhas ou outras formas de ação.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Todos nós sabemos o prejuízo social que causa o racismo. Quando uma pessoa não gosta de um negro é lamentável, mas quando toda uma sociedade assume atitudes racistas frente a um povo inteiro, ou se nega a enfrentar, aí então o resultado é trágico para nós negros.”

Lélia Gonzalez

Foi na Universidade, no curso de Pedagogia, quando cursei a disciplina optativa sobre as Relações Étnico-Raciais que descobri Leis e Diretrizes Nacionais para Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana e a Lei 10.639, de janeiro de 2003, que altera a lei de 20 de Dezembro de 1996 que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira” e outras providências.

Durante a escrita deste meu trabalho de conclusão de curso, me recordei ainda que nessa mesma disciplina a professora focava exclusivamente no racismo, assunto que vivencio diariamente em minha vida. No entanto, não me senti acolhida por sempre ressaltarem minha incapacidade de me posicionar sobre o tema. Em 2016 não consegui concluir o curso, devido à prioridade que dei à saúde de meu pai, que faleceu em 2022.

Durante o meu percurso de estudos, busquei me conectar com a negritude por meio de pessoas próximas à minha realidade em Sorocaba, como Rosangela e o NUCAB, que visitei algumas vezes na UNISO, e também por meio do meu interesse em conhecer as religiões de matriz africana.

Durante a pandemia de COVID-19, em 2020 e 2021, mergulhei na escrita deste trabalho e experimentei um processo de catarse que me trouxe lembranças de como ser uma mulher negra influenciou minhas experiências e momentos implacáveis de resistência. Tudo isso me ajudou a escrever e a olhar para meus iguais. Como afirma a psicanalista Suely Rolnik (1993, p.3): “O que o sujeito pode, é deixar-se estranhar pelas marcas que se fazem em seu corpo, é tentar criar sentido que permita sua existencialização e quanto mais consegue fazê-lo, provavelmente maior é o grau de potência com que a vida se afirma em sua existência”. Assim, ao reconhecer a influência da minha negritude em minha vida, eu me fortaleço e me torno mais capaz de enfrentar os desafios e lutar por uma sociedade mais justa e antirracista.

Agora, para fazer esta pesquisa, eu fui buscar novamente os textos que passaram em minhas mãos durante todo meu processo de formação sobre as questões raciais, que na época

não tiveram tanto significado para mim, mas que agora, em um momento de amadurecimento, tornaram-se valiosos e me ajudaram a ter conversas mais maduras e compreensivas sobre a temática. Reconheço que ainda há muito a aprender e que preciso ler ainda mais.

Ao longo desse caminho, a influência de mulheres negras como Rosângela foi fundamental. Eu e muitas amigas negras somos trabalhadoras e não nos conformamos com papéis marginalizados na sociedade. Acredito que, graças à atuação de pessoas como Rosângela, muitas crianças e adolescentes estão tendo a oportunidade de aprender sobre a negritude e ações afirmativas, e de compartilhar esse conhecimento com outras pessoas.

Quando eu escolhi o tema do meu trabalho de conclusão de curso, eu gostaria que ele pudesse me auxiliar no processo de entendimento sobre que mulher eu desejaria me transformar ou tentar, enquanto discente em processo de formação. E ao buscar responder “Qual é a importância e qual é o legado da professora Rosângela da Silva Alves para uma educação antirracista?”, eu não tenho dúvidas de que respondi o meu próprio questionamento, quero ser uma educadora que inspira e transforma, quero ser uma educadora que todos os dias luta para que crianças negras conheçam a sua história.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADICHIE, C. N. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

ANDOZIA, F. L. **Passaram a mão na minha poupança-um estudo sobre o impacto do Plano Collor no cotidiano da população brasileira urbana em 1990**. 2019. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

BRASIL. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana**. Brasília: MEC, SEPPPIR, 2004.

BRASIL. **Lei nº. 10.639/09**, de 09 de janeiro de 2003. Altera a lei nº. 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, e dá outras providências. Brasília, 2004. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm]. Acesso em: 18 jan. 2023.

BRASIL. Congresso Nacional. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Diário Oficial da União, Poder Legislativo, Brasília, DF, 05 out. 1988. Seção 1, p. 1.

BRASIL. **Conselho Nacional de Educação. Resolução Nº 1**, de 17 de junho de 2004. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/cnecp_003.pdf. Acesso em: 9 abr. 2023.

BRASIL. **Decreto nº 7.031-A**, de 6 de setembro de 1878.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. 11.** ed. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional.

SOUZA, M. L. A. “LÁ NA ESCOLA (NÃO) TEM RACISMO!”: reflexões sobre experiências formativas em educação para as relações étnico-raciais. **Revista Ensino Interdisciplinar**, v. 3, n. 08, 2017.

EVARISTO, C. **Escritora Conceição Evaristo é convidada do Estação Plural: depoimento** [jun. 2017]. Entrevistadores: Ellen Oléria, Fernando Oliveira e Mel Gonçalves. TVBRASIL, 2017. YouTube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Xn2gj1hGsoo>. Acesso em 07 abr. 2023.

EVARISTO, C. "Nossa fala estilhaça a máscara do silêncio". **Carta Capital**. São Paulo, 13 de maio de 2017. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/conceicao-evaristo-201cnossa-fala-estilhaca-a-mascara-do-silencio201d>. Acesso em: 9 abr. 2023.

EXU, B. **Baco Exu do Blues**. Bluesmam. São Paulo. Selo EAEO Records, 2018.

FERNANDES, F. Racismo e cordialidade. **Folha de S. Paulo**, 10 jul. 1995, p. 1.2.

FREIRE, P. **Alfabetização de adultos e bibliotecas populares. A importância do ato de ler – em três artigos que se completam**. São Paulo: Cortez, 1982.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1970.

GONÇALVES, L. A. O. Negros e educação no Brasil. In: LOPES, E. M. et al. **500 anos de Educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000, p. 325-346.

GONZALEZ, L. **Por um Feminismo Afro-Latino-Americano: Ensaios, Intervenções e Diálogos**. Rio Janeiro: Zahar, 2020.

GONZALEZ, L. **O movimento negro na última década**. In: Lugar de negro. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1982.

JORNAL CRUZEIRO DO SUL. **Comunidade dá adeus à Rosângela Alves, fundadora do Quilombinho**. 14 mar. 2017. Disponível em: <https://www2.jornalcruzeiro.com.br/materia/771581/comunidade-da-adeus-a-rosangela-alves-fundadora-do-quilombinho>. Acesso em: 08 abr. 2023.

JOSSO, M. C. **Experiências de vida e formação**. São Paulo: Cortez, 2004.

MACHADO, L. **A origem do mito bíblico que foi utilizado para 'justificar' racismo**. BBC News Brasil, 18 outubro 2022. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-63209322#:~:text=O%20mito%20de%20Cam%2C%20uma,no%20dia%2030%20de%20outubro>. Acesso em: 9 abr. 2023.

MUNANGA, K. **Negritude**. Usos e sentidos. 2 ed. São Paulo: Ática, 1988, p. 32-51.

MUNANGA, K. Por que ensinar a história da África e do negro no Brasil de hoje? **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, Brasil, n. 62, p. 20–31, dez. 2015.

OLIVEIRA, Fabiana; ABRAMOWICZ, Anete. Infância, raça e "paparicação". **Educação em Revista**. Belo Horizonte, v.26, n.02, p.209-226, ago. 2010.

PEREIRA, M. A. **E do silêncio fez-se a fala: oralidade e trajetória de vida de mulheres negras da Cidade de Sorocaba**. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de São Carlos, Sorocaba. 2014.

QUILOMBINHO. **Centro Cultural Quilombinho**. Facebook, [s.d.]. Disponível em: <https://www.facebook.com/quilombinho>. Acesso em: 08 abr. 2023.

ROLNIK, Sueli. Pensamento corpo e devir. **Caderno de Subjetividade**. Núcleo de Estudos e Pesquisas da Subjetividade, Programa de Pós Graduados de Psicologia Clínica, PUC/SP. São Paulo, set./ 1993.